

Volume 2 - Número 15 - Segundo Semestre de 2013

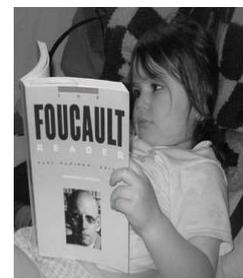
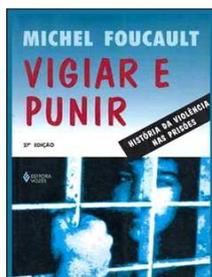


RESENHA

OS CORPOS DÓCEIS, EM VIGIAR E PUNIR, DE MICHEL FOUCAULT

ABIMAEEL ANTUNES MARQUES e-mail: abimael1958@gmail.com

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso, IFMT, *Campus* São Vicente e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia-MG, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação. E-mail:



“As luzes que descobriram as liberdades inventaram também as *disciplinas*”

Michel Foucault

No século XVIII o corpo é inventado como um princípio muito abundante de poder, enquanto máquina, sistema e disciplina. É concomitantemente dócil e frágil, alguma coisa possível de manipular e de fácil adestramento, enfim, passível de dominação. A disciplina dos séculos XVII e XVII recebe um tratamento diferenciado daquilo que era aplicado anteriormente, fugindo completamente dos princípios de escravização e de domesticidade das épocas passadas, é o uso do corpo para fins predeterminados. A disciplina

fabrica corpos dóceis, humildes, altamente especializados e com capacidade para desempenhar as mais variadas tarefas. A disciplina multiplica a força em termos econômicos e reduz qualquer espécie de resistência que o corpo possa vir a oferecer ao poder. O corpo só pode ser utilizado como fonte econômica e como força útil se, ao mesmo tempo, for produtivo e submisso. Essa submissão não é obtida só pelos aparelhos da violência ou da ideologia. Ela pode ser conseguida usando-se a força contra a força sem, no entanto, ser violenta. Ela pode ser estimada, organizada de forma quase imperceptível, sem fazer uso de armas nem de terror e, no entanto, continuar a ser disciplina física. Os métodos que possibilitam o controle das particularidades das operações do corpo, que realizam a submissão constante de suas forças e lhe obrigam uma relação de docilidade – utilidade são o que comumente conhecemos por disciplina. As disciplinas já existiam anteriormente nos conventos, nos exércitos e nas oficinas, no entanto, é só no decorrer dos séculos XVII e XVIII que elas se tornam fórmulas gerais de dominação.

Visando a melhor compreensão dessa sujeição exercitada através das disciplinas, exponho aqui um fragmento da obra de Foucault.

"O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo e faz dele, por um lado, uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita" (FOUCAULT, 1997, p.119).

Para fazer valer o seu poder e autoridade, a disciplina fará uso de duas regras: a arte das distribuições e a do controle da atividade.

A ARTE DAS DISTRIBUIÇÕES: a disciplina classifica corretamente os indivíduos no espaço, almeja a sua sujeição, a relação com os demais indivíduos, a barganha de ideias e demais informações. Para que isto aconteça, utiliza-se de diversas técnicas. Às vezes, ela

exige cerca, ou seja, um lugar específico e heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Lugar protegido da monotonia disciplinar. Há o grande aprisionamento dos vagabundos e dos miseráveis; há outros mais discretos, mas traiçoeiros e eficientes.

“O modelo do convento se impõe pouco a pouco: o internato aparece como regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito; torna-se obrigatório em Louis-le-Grand quando, depois da partida dos jesuítas, fez-se um colégio modelo” (FOUCAULT, 1997, p. 121).

Ao questionar o princípio da clausura, ou do encarceramento, o autor refere à questão do quadriculamento, ou seja, que cada indivíduo deve estar, e saber que está posicionado no seu lugar – aí se reflete a ideia de poder absoluto. Fica claro que o espaço disciplinar tem de se dividir o quanto for necessário, a fim de impedir a fuga de indivíduos, a circulação difusa destes, evitando, dessa forma, a deserção, a vadiagem, ou a reunião em massa e, dessa maneira, facilitando o modo de encontrar os indivíduos e poder vigiá-los a cada instante, sancioná-los e medi-los as qualidades ou os méritos.

Colégios: o modelo do convento impõe-se gradativamente; a alternância surge como o regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito.

Quartéis: é necessário fixar o exército, essa massa vagabunda; impedir as pilhagem e as violências, acalmar os habitantes que suportem mal as tropas de passagem; impedir os conflitos com as autoridades civis; acabar com as deserções; controlar as despesas.

“O conjunto será fechado e cercado por uma muralha de dez pés de altura que rodeará os ditos pavilhões, a trinta pés de distância de todos os lados e isto para manter as tropas em ordem e em disciplina e que o oficial esteja em condições de responder por ela” (FOUCAULT, 1997, p. 122).

Com o advento da revolução industrial, a disciplina atinge também as fábricas, sempre com o objetivo de evitar tumultos, aproveita ao máximo o espaço para assim garantir maiores níveis de produção.

“A disciplina organiza o espaço analítico. E ainda aí ela encontra um velho procedimento arquitetural e religioso: a cela dos conventos. Mesmo que os compartimentos que ela atribui se tornem puramente ideais, o espaço das disciplinas é sempre no fundo, celular. Solidão necessária do corpo e da alma, dizia certo ascetismo: eles devem, ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a severidade de Deus” (FOUCAULT, 1997, p. 123).

A regra das localizações funcionais vai fazer com que, pouco a pouco, os espaços que estavam geralmente livres para vários usos, se especializem para satisfazer a necessidade de vigiar e para acabar com comunicações perigosas. Além disso, permite também criar espaços úteis.

“Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é, portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e de técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (FOUCAULT, 1997, p. 125).

Estará disponível em todas as salas de aula locais determinados para todos os escolares de todas as classes, de modo que todos os da mesma classe sejam alocados num mesmo lugar e sempre fixos. Os escolares das lições mais adiantadas serão colocados nos bancos mais próximos da parede e em seguida os outros segundo a ordem das lições avançadas para o meio da sala. Cada um dos alunos terá o seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocará sem a ordem e o consentimento do inspetor das escolas.

“Será preciso fazer com que aqueles cujos pais são negligentes e têm piolhos fiquem separados dos que são limpos e não os tem, que um escolar leviano e distraído seja colocado entre dois bem comportados e ajuizados, que o libertino ou fique sozinho ou entre dois piedosos” (FOUCAULT, 1997, p. 126).

A disciplina é massificadora e individualizadora. Todos se sujeitam às mesmas obrigações num lugar determinado. Por exemplo, na arte de colocar os homens enfileirados a disciplina individualiza os corpos. Nos colégios há a conhecida ordenação por fileiras. Nesse conjunto de alinhamentos, cada aluno segundo a sua idade, desempenho, comportamento, ora ocupa uma fila, ora outra, ele desloca-se todo o tempo numa série de posições que marcam uma hierarquia.

CONTROLE DA ATIVIDADE: saber fazer uso do tempo corretamente, estabelecendo horários rígidos de trabalho, sempre repetitivos e constantes.

Horário: os seus três processos são:

1. Estabelecer as censuras;

2. obrigar às ocupações determinadas e;
3. regulamentar os ciclos de repetição.

As atividades são cercadas o mais possível por ordens a que se tem que responder o mais rapidamente possível.

“[...] 8:45 entrada do monitor; 8:52 chamada; 8:56 entrada das crianças e oração; 9 horas entrada nos bancos; 9:04 primeira lousa; 9:08 ditado; 9:12 segunda lousa...” (FOUCAULT, 1997, p. 128).

É o quadriculamento do tempo. Trata-se de construir um tempo integralmente útil, sem desperdícios.

Elaboração temporal do ato: cada ato, cada gesto, no seu devido tempo. Por exemplo, na marcha da tropa:

“[...] acostumar os soldados a marchar por fila ou em batalhão, a marchar na cadência do tambor. E, para isso, começar com o pé direito a fim de que toda a tropa esteja a levantar o mesmo pé ao mesmo tempo...” (FOUCAULT, 1997, p. 129).

É outro grau de precisão na modificação dos gestos e dos movimentos, outro modo de ajustar o corpo a imperativos temporais.

Corpo e gesto em correlação: impõe a melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo. Por exemplo, a caligrafia. Foucault diz que uma boa caligrafia pressupõe uma ginástica, uma rotina cujo código rigoroso abrange o corpo por inteiro, da ponta do pé à extremidade do indicador.

“[...] manter o corpo direito, um pouco voltado e solto do lado esquerdo, e algo inclinado para frente, de maneira que, estando o cotovelo pousado na mesa, o queixo possa ser apoiado na mão; Deve-se deixar uma distância de dois dedos entre o corpo e a mesa; pois não só se escreve com mais rapidez ... O mestre ensinará aos escolares a postura que estes devem manter ao escrever, e a corrigirá seja por sinal seja de outra maneira, quando dela se afastarem. Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente” (FOUCAULT, 1997, p. 130).

Articulação corpo - objeto: a disciplina estipula cada uma das relações que o corpo deve manter com o objeto que manuseia. É uma meticolosa engrenagem entre um e outro. É quando o sujeito perde a própria personalidade e se transforma e integra numa máquina produtora.

Lentamente, aparece uma exigência nova a que a disciplina tem de atender: fabricar uma máquina cujo efeito será exposto ao máximo pela articulação combinada das peças rudimentares de que ela se compõe. A disciplina não é mais simplesmente uma arte de separar os corpos, de extrair e acumular o seu tempo, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente.

O corpo sucumbe na categoria de objeto, um objeto constantemente em movimento, sempre a produzir e a trabalhar, até à máxima exaustão, utilizado até aos seus últimos limites. Com o decorrer do tempo a disciplina evoluiu em matéria de otimização. Não prevendo somente o exercício constante do corpo, agora exige uma máxima eficiência por parte dele. A função da disciplina não pode ser confundida com a do suplício. Enquanto este sacrifica e destrói o corpo, a disciplina apropria-se dele com a finalidade de o aproveitar ao máximo.

A "correta disciplina" é a arte do "bom adestramento". Como diz Foucault, o poder disciplinar é um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar", ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor.

O bom adestramento deve seguir três princípios: vigilância hierárquica, sanção normalizadora e exame.

Vigilância hierárquica: a vigilância possibilita uma espécie de controle nunca visto na humanidade. Ao vigiar o corpo, ocorre um nítido processo de total sujeição e domínio integral do comportamento. É a idealização de um instrumento disciplinar perfeito, onde todos estariam submetidos à mesma observação. Este princípio é evidenciado no corpo econômico, ou seja, nas fábricas. O controle de produção totalmente observável praticamente exclui o erro e o ócio, aumentando assim os rendimentos.

Sanção normalizadora: a existência de um regime disciplinar já pressupõe um sistema penal, uma micro-penalidade para a possível transgressão a qualquer norma. A disciplina atua como um tribunal de consciência, impondo penas leves e severas.

“Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micro-penalidade do tempo (...), da atividade (...), da maneira de ser (...), dos discursos (...), do corpo (...), da sexualidade (...). Ao mesmo tempo é utilizado, a título de punição, toda uma série de processos subtis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações... levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que

cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível - punidora” (FOUCAULT, 1997, p. 149).

Nesse contexto, tudo o que se desvia ao modelo estipulado é penalizado, porém diferente do processo penal, a disciplina visa à correção, as punições atuam enquanto exercícios. Toda a conduta é encaixada num grupo classificatório: é boa ou má, está correta ou errada.

“A divisão segundo as classificações ou os graus tem um duplo papel: marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar... a disciplina recompensa unicamente pelo jogo das promoções que permitem hierarquias e lugares; pune rebaixando e degradando. O próprio sistema de classificação vale como recompensa ou punição” (FOUCAULT, 1997, p. 151).

Exame: o exame é o produto final de todas as técnicas disciplinares, reúne a vigilância, a sanção, o controle de tempo, de espaço, enfim, uma forma de classificar, punir e corrigir. Está presente em praticamente todos os regimes disciplinares. Como referido anteriormente, o poder disciplinar é exercido com subtileza, mas encontra-se manifestamente presente nos corpos que disciplina. O exame corresponde a esta característica, é implícito, não atua diretamente no indivíduo, porém sanciona-o da mesma forma.

Habitualmente, o poder é o que se vê, se mostra, se manifesta e, de maneira paradoxal, encontra o princípio de sua força no movimento com o qual é exibido.

“O poder disciplinar ao contrário, se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, mantém sujeito o indivíduo disciplinados. E o exame é a técnica pela qual o poder, em vez de emitir os sinais de ser o poderio, em vez de impor a sua marca aos seus súbditos, capta-os num mecanismo de objetivação” (FOUCAULT, 1997, p. 156).